

# Estudos de versificação

Guilherme Aniceto<sup>1</sup>



---

1) Guilherme Aniceto é mineiro, graduado em Administração de Empresas e graduando em Letras – Português/Inglês. Além de publicar poemas em revistas e antologias diversas, é autor dos livros de poemas “Nós Líricos” e “Guerra”, publicados pelas Editoras LiteraCidade e Penalux, em 2015 e 2017, respectivamente. Também publicou, de forma independente, o livro “30 poemas para o orgulho (e um para depois)” (2021) e, em coautoria, pela Qualis Editora, o livro “Aglomerados” (2020). Também é colunista e membro do corpo editorial da Revista Subjetiva e poeta no portal Fazia Poesia.

## 1.

Nasce  
Pasce  
Paste  
Poste  
Porte  
Porre  
Morre

-

O poema acima é um “doublet”, brincadeira em que, a partir de uma palavra, são colocadas outras, cada uma trocando uma letra da anterior.

Assim, a segunda palavra é formada a partir da troca de uma letra da primeira; a terceira, pela troca de uma letra da segunda; assim, sucessivamente.

As possibilidades de continuação são inúmeras, mas o autor para onde o efeito de sentido lhe deixa mais satisfeito. Existe o significado que o autor deseja expressar, mas a maior contribuição vem do que o(s) leitor(es) extraem da sequência lexical formada.

Também são inúmeras as possibilidades de uso dos “doublets” na poesia. No poema a seguir, apenas as primeiras palavras de cada verso são parte de um “doublet”:

-

Nada sou para ti.  
Nado em direção ao mar, o  
Gado muge contra o vento, o  
Galo acorda a manhã no  
Talo das cordas. E ouves. E eu,  
Tolo que sou, me esparramo  
Todo, pois ainda assim  
Tudo és para mim.

## 2.

O vazio do verbo

No princípio,  
Era o verbo.  
Olhou para ele  
O ato de fala e disse:  
Há noção.  
Porém, depende.

Depende de quê?  
Verbos vazios são.  
E vazios são  
Noções imprecisas.  
Há ação.  
Porém, depende.

No princípio,  
Era o verbo.  
Amém? Nem sempre.  
Olhou para ele a luz:  
Há oração.  
Porém, depende.

O foco  
É integrar.  
Integrar-vos ao verbo.  
Disse a fala aos termos.  
E eles vão.  
Porém, depende.

-

No poema acima, o autor brinca com as noções de transitividade dos verbos, frequentemente chamadas de “vazios dos verbos”. Cada verbo pode pedir um ou mais argumentos em uma oração, para que seu sentido seja compreendido completamente. É nesse “pedido” que se concentra o poema. Pode-se pensar, inicialmente, na ação ou no estado que o verbo exprime para a construção de um enunciado. Porém, depois do verbo, há que se pensar no que é necessário para que o processo comunicativo ocorra.

Conforme Beaugrande (1997) prenunciou: o texto é um ato comunicativo em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais. Essa incompletude/completude do verbo é exercitada na ação linguística, a partir de mecanismos ativados na cognição e de conjecturas involuntárias realizadas a partir das relações e interações no mundo.

### 3.

Prisma

Nasce um arco-íris:  
A luz passeia e seduz  
Xícaras e pires.

-

“Prisma” é um “haikai”. Um “haikai guilhermino”, especificamente. O “guilhermino” vem de Guilherme de Almeida, que cunhou essa variedade do “haikai”.

O “haikai” é um poema de origem japonesa, marcado por alguns elementos: síntese, simplicidade, contemplação da natureza, presença de termos que remetem às estações do ano (palavras que situam o poema num período do ano, chamadas de “kigo”) e de marcas de cesura (cortes que demarcam a leitura, chamados de “kireji”). A estrutura de um “haikai” normalmente é fixa: três versos, com 5, 7 e 5 sílabas poéticas, nessa ordem.

Geralmente, não há rima ou título nos “haicais”. Guilherme de Almeida, ao ocidentalizar o poema e criar a sua variedade, introduziu esses elementos. Assim, observa-se o título que deve agregar sentidos ao poema. E as rimas se localizam no primeiro e terceiro versos, e uma rima interna no segundo verso, na segunda e sétima sílabas.

Em “Prisma”:

“Kigo”: “arco-íris”, uma palavra de estação catalogada como representativa do verão.

“Kireji”: os dois-pontos após “arco-íris”, no primeiro verso, produzem uma pausa na leitura, funcionando como marca de cesura.

Rimas: “arco-íris” e “pires”; “luz” e “seduz”.

#### 4.

##### Pintos Negreiros

Há muitas árvores de troncos robustos no caminho para Pintos Negreiros. Há, igualmente, montanhas em todos os horizontes. Montanhas azuis. A terra vermelha coloca fogo nos nossos olhos, mesmo quando eles encontram o verde. Cheiramos as flores silvestres e comemos das amorinhas. A estrada é uma delícia à parte.

Quando o tempo é firme, há passarinhos de todos os motivos, de passagem. Bem-te-vis, sabiás, canarinhos, falcões e beija-flores. Tatuzinhos e lagartos. Cobras perigosas e jacus. A fauna abundante afasta qualquer sentido de abandono.

Sentar e esperar –  
A grande árvore é prova  
De que o tempo passa.

-

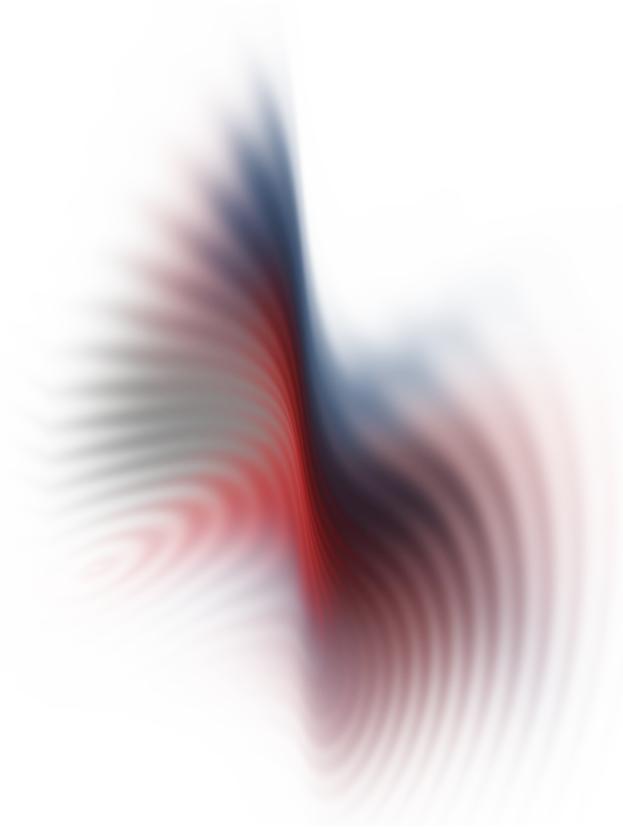
O texto acima é um “haibun”. Um gênero híbrido da prosa e do verso. É um desdobramento do “haikai” (forma poética em três versos, com o esquema 5-7-5 nas sílabas, que tem como motivo primordial a natureza, a observação e a contemplação).

Na tradição japonesa, o “haibun” era escrito como um diário de viagem, isto é, usado para descrever a jornada dos poetas, chamados “haijin”.

Normalmente, o “haibun” é composto por uma parte em prosa, essencialmente descritiva, e uma parte em verso (“haikai”), que pode vir ao final ou até no meio do texto.

O “haikai” não é, necessariamente, um fechamento do “haibun”. Assim, não serve para arrematar ou fazer referência a algo que esteja presente na prosa.

Tratam-se, portanto, de duas partes distintas, que podem abordar sentidos variados. Representam a junção dos princípios “yin-yang”, as duas forças fundamentais, opostas e complementares, que se encontram em todas as coisas.



## 5.

Amar...

Amar não é verbo

Defectivo,

Pode conjugar:

Eu...

-

Verbo defectivo é o verbo que não tem conjugação completa. Ou seja, não tem flexão em todas as pessoas do discurso. Os verbos “colorir”, “demolir” e “falir”, por exemplo, não se conjugam na primeira pessoa do singular, “eu”. Desse modo, não existem as formas: “coloro”, “demolo”, “falo”\*.

\*falo existe como substantivo e como flexão do verbo “falar”.

## 6.

### Ar-me

Procuo uma cama para deitar-me.  
Procuo uma teia para enredar-me.  
Procuo uma boca que devorar-me  
Deseje, mas sem querer decifrar-me.

Procuo uma gota de certo charme,  
Um sólido mar para derramar-me.  
Pois rio que sou, fluxo sem alarme,  
Procuo um bom mar para desaguar-me.

Procuo um rapaz que, sim, me desarme,  
Alguém que me enxergue a alma e a carne.  
Procuo que alguém minh'alma descarne,  
Que queira assumir-me sem descartar-me.

Procuo despir-me bem para amar-me,  
Para amarrotar-me e nunca passar-me,  
Não quero quem jure vir consertar-me.

Procuo, no mundo que quer pisar-me.  
Procuo, no fundo, poder doar-me  
A quem, com verdade, há de aceitar-me.

Procuo talvez assim encontrar-me.

-

As rimas em “Ar-me”: Todos os versos do poema rimam entre si. Todas as terminações são similares. As rimas entre os versos em “-arme” e “-arne” são chamadas rimas imperfeitas toantes (ou assonantes): repetições de sons de vogais, com consoantes diferentes. As rimas entre os versos em “-arme” e “arme” são chamadas rimas preciosas: repetições de sons em terminações pouco usuais. A rima entre os termos “despir-me” e “assumir-me” é chamada rima interna ou coroada (ocorre dentro dos versos e não no final). O mesmo ocorre entre “mundo” e “fundo”.

A métrica em “Ar-me”: Todos os versos são decassílabos: compostos por dez sílabas poéticas cada.

O ritmo em “Ar-me”: Existem cesuras ao longo de todo o poema. São pausas propositais no interior de todos os versos, imprimindo uma cadência de leitura específica. Todas as cesuras se localizam na quinta sílaba dos versos. Há que se observar, ainda, a pontuação. Não é recomendado utilizar a mesma pausa ao final de todos os versos. Tanto as cesuras quanto os sinais gráficos de pontuação são importantes elementos no encadeamento dos sentidos. A essa leitura, sem pausas constantes ao final dos versos, com continuidade entre eles, chamamos cavalgamento (ou “enjambement”, termo francês com esse significado).

## 7.

### Esvaziamento

esperança

esp'rança

'sp'rança

'sp'rans'

-

O poema “Esvaziamento” foi construído em torno da palavra “esperança” e de três processos curiosos, próprios da versificação: a aférese, a síncope e a apócope.

Na aférese, são suprimidos fonemas (sons) no início das palavras. Na síncope, a supressão ocorre no meio das palavras. Já na apócope, suprimem-se sons ao final das palavras.

No poema, a palavra “esperança” é reduzida gradativamente, “esvaziada”, utilizando esses mecanismos, até a forma ‘sp'rans’, em que ocorrem, simultaneamente, aférese, síncope e apócope.

Geralmente, o objetivo desses processos, na construção dos versos, é o de reduzir o número de sílabas poéticas para caber em formas fixas e/ou imprimir ritmos de leitura determinados. Ou seja, são mecanismos com fins estruturais.

No poema “Esvaziamento”, no entanto, o objetivo não foi esse. O autor utiliza essas ferramentas para construir o sentido do esvaziar-se da esperança, pela perda de vogais, tão importantes na língua portuguesa na construção dos sons e significados, até o momento em que a palavra “esperança” se transfigura em um termo que exige abstrações para ser compreendida, se colocada isoladamente.

## 8.

### Fome

Viver nas cidades com os olhos rotos  
Perdidos nos prédios que não têm alma,  
Em busca do auxílio que nunca chega,  
Entregue à bebida ou a qualquer vício  
Que não abandone a cansada sombra,  
Na ânsia dum sono que eleve a fome.

Seguir o caminho que a própria sombra  
Desenha nos fios que espalham, rotos,  
Alguma esperança pra dura fome,  
Que nunca se extingue e que nunca chega  
De pôr dor no corpo e pesar na alma,  
Fiel, tal cadela, num cio vício.

Catar nos escombros do lixo a alma,  
Em latas vermelhas, o doce vício,  
Em gomas mascaradas, os planos rotos  
De um alto futuro entre a luz e a sombra,  
Premissa de mérito a quem tem fome,  
Promessa de glória que nunca chega.

Vender nos sinais a cura da fome,  
Com os olhos brilhantes na fé que chega  
Por vozes serenas em meio à sombra,  
Que danam o corpo, mas dão à alma  
Alguma noção de que o fim do vício  
Ao pobre consola, entre panos rotos.

Passar entre as mãos a bíblia do vício,  
Pra enganar a sede e pôr fim à fome  
– Esta fome ingrata que come a alma –,  
Pra dormir sereno entre os jornais rotos  
(A notícia velha é só a que chega  
À cera do ouvido na preta sombra).

Tirar o chapéu ao senhor que chega,  
Respeitosamente, beijar-lhe a sombra,  
Com misericórdia por seu vil ofício  
De rir-se do oco que traz a fome  
No ventre do filho em chinelos rotos,  
Que pede – tem pão? – espada na alma.

Rasgar mais os rotos olhos da alma,  
Pôr fogo na sombra do nobre vício,  
Mas dormir sem fome, agora já chega!

---

O poema “Fome” se inscreve em uma forma fixa, bem peculiar, denominada “sextina”, poema composto por 7 estrofes: 6 sextetos e 1 terceto.

Todos os versos de uma “sextina” devem terminar com palavras dissílabas. Mais que isso, os versos de todos os sextetos devem terminar com as mesmas palavras, mas em ordens distintas entre si. Mais ainda, as dissílabas devem se repetir no terceto (3 no interior dos versos, formando cesuras, e 3 ao final dos versos).

O terceto final funciona, ainda, como a “chave de ouro”, a estrofe que fecha e determina o ápice do texto.

O poema “Fome” se constrói em torno dessas regras e de outras regras, que indignam e constroem as pessoas: o racismo, o capitalismo e a fome.

Pequeno glossário:

Palavras dissílabas: formadas por duas sílabas (no poema: “alma”, “rotos”, “sombra”, “vício”, “chega” e “fome” seguem essa classificação).  
Sexteto: estrofe de 6 versos, também chamada de sextilha ou hexástico.

Terceto: estrofe de 3 versos, também chamada de trístico.

Cesura: divisões internas nos versos, que determinam pequenas pausas e especificam o ritmo da leitura.